

*JOANNE HARRIS*

*UM GATO, UM CHAPÉU  
E UM PEDAÇO DE CORDEL*

*TRADUZIDO DO INGLÊS POR*

*ANA SALDANHA*

ASA

## ÍNDICE

Introdução .....	9
Canção do Rio .....	13
Fé e Esperança Voam para Sul .....	37
Bedford Falls Não Existe .....	59
Gostaria de Voltar a Estabelecer Contacto? .....	71
Dias de Chuva e Segundas-Feiras .....	83
Dríade .....	95
Harry Stone e a Igreja de Elvis Aberta 24 Horas .....	111
Os Espíritos do Natal Presente .....	131
Wildfire em Manhattan .....	137
Cookie .....	167
Fantasma na Máquina .....	189
Faça Você Mesmo .....	205
Musa .....	235
O Jogo .....	249
Fé e Esperança Vingam-se .....	273
Canção da Estrada .....	321
Agradecimentos .....	333

## INTRODUÇÃO



Um entrevistador fez-me uma vez esta pergunta: se naufragasse e fosse dar a uma ilha deserta, que três coisas levaria?

Eu dei esta resposta frívola: *Um gato, um chapéu e um pedaço de cordel*. Em parte porque me agradava o ritmo vivo e despreocupado da frase e em parte porque cada uma dessas coisas tem por si só muitos usos potenciais, o que torna a minha escolha mais do que a soma das suas partes.

Levaria o gato para ter companhia. O chapéu para me proteger do sol. O pedaço de cordel tem múltiplas utilidades, incluindo divertir o gato ou segurar o chapéu na cabeça se houver muito vento. Há também uma situação imaginada em que uso o chapéu e o pedaço de cordel para fazer uma armadilha simples para apanhar peixes (presumivelmente para alimentar o gato); ou uma outra situação, menos apelativa, em que estrangulo o gato com o pedaço de cordel e o cozinheiro para o almoço, usando

o chapéu como terrina improvisada. (Para dizer a verdade, não consigo imaginar-me a querer alguma vez comer gato, mas quem sabe o que poderia acontecer se ficasse bastante tempo numa ilha deserta?) Ocorreu-me na altura que, provavelmente, poderia imaginar uma centena de histórias semelhantes só com aqueles três elementos.

As histórias neste livro são também um pouco assim. Embora de início não pareçam relacionadas, descobrirão que estão ligadas de várias maneiras, umas com as outras e com os meus romances. Nalgumas, a ação desenrola-se em locais que talvez reconheçam; noutras apresentam-se personagens com quem talvez estejam familiarizados. Algumas são autónomas – para já, pelo menos –, o que não quer dizer que continuem a sê-lo para sempre. As histórias são tantas vezes muito mais do que a soma das suas partes individuais; para mim, existem como mapas inacabados de mundos ainda por descobrir; à espera de que alguém assinale a lápis as ligações à medida que as vai encontrando.

Como eu disse em *Danças & Contradanças*, os contos nem sempre me ocorrem com facilidade. Por vezes, vêm dar à costa como os destroços às praias daquela ilha deserta; noutras ocasiões, trago-os para casa das minhas viagens pelo mundo; ou por vezes chocalham dentro da minha cabeça durante meses a fio – e até anos – como moedas presas dentro de um aspirador à espera de que eu as liberte.

De qualquer modo, espero que estas histórias possam levá-los a avançar um pouco mais por esse território inexplorado. Talvez encontrem alguns velhos amigos – assim

como espero que descubram alguns novos. Não se esqueçam do gato e do chapéu – e, com um pedaço de cordel suficientemente comprido, terão sempre a certeza de conseguir encontrar o caminho para casa.

## CANÇÃO DO RIO



*As histórias são como bonecas russas: abrem-se e em cada uma encontra-se uma nova história. Este conto foi escrito enquanto estive no Congo com a organização Médecins sans Frontières. Porque é que lá fui é por si só uma história, mas enquanto estive em Brazzaville conheci um bando de garotos que tinham uma maneira engenhosa (e perigosa) de ganhar a vida. Juntavam-se à beira-rio, por baixo da varanda de um dos poucos restaurantes que ainda existem na cidade e, por uma moeda ou uma mancheia de restos de comida, entretinham os clientes saltando para os rápidos no ponto mais perigoso do rio e deixando-se levar pela corrente. Estas crianças – nenhuma delas com mais de dez anos – arriscavam a vida dezenas de vezes por dia, frequentemente por nada mais do que um osso de frango ou um pedaço de pão. Ainda por cima, pareciam divertir-se.*

*Bem, há sempre o rio. É o que a Maman Jeanne diz, com aquela expressão com que ficam as pessoas de idade*

quando falam de alguma coisa que nós não podemos de maneira nenhuma compreender, como porque é que um avião se aguenta no ar ou porque é que Deus Nosso Senhor criou a mosca tsé-tsé. É a resposta dela para tudo: queixas, perguntas, lágrimas. Bem, há sempre o rio, diz ela. O rio Congo está lá sempre.

Eu já o deveria saber: tenho-o observado toda a minha vida. Conheço-lhe o temperamento; é como um cão feroz que por vezes brinca, mas que se atira ao nosso pescoço se levamos a brincadeira demasiado longe. Conheço os sítios para pescar e os melhores sítios para nadar; os rápidos e os baixios; as ilhotas e os areais e onde mataram o último hipopótamo, há anos. Quem escutar as pessoas julga que toda a gente de Brazzaville estava lá nesse dia – se assim fosse, o velho hipopótamo devia aparecer na Bíblia, ao lado do milagre do *foufou* e dos peixes. Pois é, diz a Maman Jeanne, os pescadores e os caçadores nasceram para mentir.

Talvez seja o rio que os leva a mentir.

É verdade que se vêm juntar aqui histórias. Como o jacinto da água, flutuam rio abaixo vindas do norte e vão-se dividindo e florindo à medida que avançam. A história dos Três Feiticeiros, ou do Rapaz Águia ou do Peixe-Diabo, tão enorme que consegue partir a espinha de um hipopótamo ou engolir um crocodilo de uma só vez. Isso, pelo menos, é verdade; eu tenho um dente de peixe-diabo para o provar, que me foi dado (em troca de um cigarro e meia pastilha elástica) por um rapaz de uma das barças. É mais comprido do que o meu dedo e uso-o ao pescoço, pendurado num pedaço de arame. A Maman Jeanne diz

que eu não devia; há magia má num dente de peixe-diabo, e de qualquer maneira não é decente uma rapariga de dez anos parar por aquelas bandas das barcaças do rio.

Se ela fosse *minha* mãe, diz a Maman Jeanne, ensinava-me a cozinhar e a costurar e a fazer trancinhas e tranças corridas no cabelo, para eu arranjar homem. É o que tu tens de pescar, rapariga, diz ela, *não um velho peixe-diabo horrórico que não ias poder comer mesmo que conseguisses pescá-lo*. Mas eu sou capaz de olhar por mim e não tenho de fazer o que manda a Maman Jeanne. Além disso, como ela diz, as pessoas podem ir e vir, mas o rio está lá sempre.

Somos quatro aqui, a trabalhar os rápidos. O Macaco, o Peixe-Gato, o Rapaz de Hollywood e eu. É claro que esses não são os nossos verdadeiros nomes. Mas os nomes são coisas secretas, poderosas. A mim chamam-me Ngok – o crocodilo – porque eu nado muito bem. E nadar, claro, é o que nós fazemos.

Mesmo na margem da nossa zona de trabalho há um restaurante chamado Les Rapides. É um sítio grande, todo branco, com uma varanda que dá para o rio. Antes da guerra, vinha aqui muita gente, mas agora nunca enche mais do que um quarto: homens de negócios com os seus fatos cinzentos de ombros largos ou senhoras bonitas com o cabelo pintado e vestidos vaporosos, soldados, funcionários, até mesmo ocasionalmente *mendele* – homens brancos em negócios, suponho eu –, já há muito tempo que não vêm aqui verdadeiros turistas. Vêm para comer, claro – *trois-pièces* com piri-piri e bananas fritas; abóbora estufada com arroz escuro e molho de amendoim; crocodilo com *foufou* e feijões.

Sinto-me atordoada só de pensar em tanta comida; e há tomates a nadar em óleo e peixe do rio estufado e *saka-saka* e pão branco fresco com a crosta estaladiça e frango frito picante e mandioca e ervilhas. Eles vêm comer – é claro que sim – mas também vêm por causa do rio, por causa dos rápidos. Daqui vê-se para o outro lado, milhas e milhas, até Kinshasa, onde os fogos ardem para lá da água e o rio é uma coisa selvagem, a trotar e a rolar de penedo em penedo e a esguichar grandes borrifos de água. Não tão selvagem como a Ilha do Hipopótamo e a gigante confusão amarela acinzentada de água revolta para lá dela, mas bem selvagem, e soa como...

*Como elefantes a atravessarem*, diz a Maman Jeanne. Grandes elefantes castanhos com patas como troncos de palmeiras. É claro que eu nunca vi elefantes, mas no jardim zoológico da cidade há um crânio do tamanho da cabina de um camião, todo calcário e em forma de favo de mel, com uma presa farpada a pender da boca desdentada.

*Como um domingo de manhã*, diz o Macaco; como vozes numa catedral; como uma dança; como tambores.

*Como helicópteros*, diz o Peixe-Gato, quando diz alguma coisa. Como morteiros e balas e o matraquear de disparos. Ou como o ruído, diz o Rapaz de Hollywood, de um rádio entre estações, aquele som fantasmagórico, morto, de água a correr e murmúrios, arranhões e estalidos.

O rio tem uma canção para cada pessoa, afirma a Maman Jeanne; e nenhuma canção se repete. É por isso que os clientes vêm, na verdade: não pela comida, pela vista ou pela varanda à sombra das mangueiras, mas pelo rio, pelo som e o volume e o ímpeto da canção do rio. Eu sei;

e os outros é a mesma coisa. Até o Peixe-Gato, que tem catorze anos e julga que sabe muito mais do que o resto de nós. O nosso negócio é mais do que um negócio.

O que não quer dizer que não sejamos profissionais. Algumas pessoas esculpem madeira para ganhar a vida; outras viram-se para o exército; outras ainda trabalham nos mercados ou a conduzir táxis ou na berma das estradas. Nós trabalhamos o rio. Mais precisamente, trabalhamos os rápidos.

Os nossos rápidos são uma autoestrada para todos os tipos de atividades. Pescadores, pedreiros, lavadeiras, ladrões. Conheço-os a todos: rapazes com redes, velhos em pirogas, gente à cata de restos com paus e sacos. A jusante fica o baixio onde a Maman Jeanne lava a roupa. É uma zona boa para nadar, também, para bebês e mulheres, mas nós não nadamos lá. Oh, não. Nadamos mais acima, de Les Rapides até às lajes dos pedreiros, e não deixamos que ninguém trabalhe a nossa faixa. Nós ganhámos o direito àquela faixa, o Macaco, o Peixe-Gato, o Rapaz de Hollywood e eu. Especialmente eu; em parte porque sou a mais nova, mas principalmente porque sou rapariga. E, como a Maman Jeanne diz, as raparigas não se atrevem, as raparigas não se despem e, acima de tudo, as raparigas nunca, *nunca* nadam nos rápidos.

Há três corredores a dividir os rápidos no nosso lado do rio. Um – chamamos-lhe o Escorregão – fica perto da margem e tem uma corrente forte e curvas apertadas de cortar a respiração. O segundo – o Devorador – é muito mais ao largo e para lá chegar tem de se nadar para fora numa curva larga, evitando um redemoinho e um

desnível perigoso nuns penedos grandes. Uma pessoa tem de ser forte – acima de tudo, tem de ser rápida, porque ninguém consegue nadar *contra* a corrente; só se pode ter a esperança de ser arrastada pela corrente até chegar à segurança do corredor. Mas se uma pessoa falhar, nem que seja por uma braçada, a corrente sacode-a – abana-abana-estralhaça como um cão a uma ratazana – e atira-a para o redemoinho. Se uma pessoa tiver sorte e for cuspidada outra vez para fora, a corrida acaba com uma descida rápida a escorregar por uma pequena laje irregular sem problemas – a não ser, talvez, o traseiro esfolado e as alfinetadas dos risos vindos da margem do rio. Acontece por vezes, embora nunca a mim. E por vezes – bem... é melhor não pensar nisso. *O bom Deus faz a sua colheita*, diz a Maman Jeanne, *e nem todas as vossas lágrimas trarão de volta uma única semente.*

O terceiro caminho é quase uma lenda. Fica muito, muito para lá dos outros – talvez o triplo da distância entre o Devorador e a Margem – e só pode chegar-se lá a partir do próprio Devorador. A meio caminho da descida para as lajes dos pedreiros, a corrente divide-se sobre uma grande pedra cor de rosa, a que chamamos a Tartaruga. A carapaça da Tartaruga é redonda e num dos lados há uma boa descida suave para a corrente do rio. No outro, há rochas submersas – morde-calcanhares, chamamos-lhes nós –, mas se uma pessoa for rápida – e tiver sorte – acho que podia livrar-se do Devorador e nadar ao longo da grande curva do rio para o Fundo.

Eu nunca fiz isso, embora já tenha traçado o caminho, com lixo do rio e punhados de jacintos de água, e

tenho quase a certeza de que conseguia. Mais ninguém o fez ainda, que eu saiba; o Macaco diz que há crocodilos, mas ele tem é medo. Como tem uma perna torta, não nada tão bem como nós e nem sequer nada no Devorador. Mas tem uma boia de borracha, de um pneu de um camião, em que se encaixa tão bem como um pássaro num ninho, por isso o Peixe-Gato deixa-o vir connosco. Eu não acho que isso seja justo – se fosse a mim, aposto que não deixava –, mas o Peixe-Gato é o General e nós temos de fazer o que ele diz. Eu nem sempre gosto disso – custa muito ser só Tenente quando até mesmo o Macaco é Coronel –, mas o Peixe-Gato é bastante justo na maior parte das outras coisas e, além disso, quem mais deixaria uma rapariga entrar no grupo, para começar?

E assim, todos os dias entre as nove da manhã e as cinco da tarde, encontramos-nos debaixo da varanda de Les Rapides e praticamos os nossos movimentos. Fáceis, para aquecer, com o Macaco no seu anel de borracha e nós a nadar por ali fora, aos gritinhos. A seguir vêm as coisas mais complicadas – mergulhos do alto, saltos de estrela, crocodilo, com nós todos numa cadeia comprida sem quebras. Paramos a meio da manhã para descansar. E petiscar qualquer coisa, também, se conseguirmos arranjar algo; talvez uma bola de massa de pão ou uma fatia de mandioca frita pedinchadas à Maman Jeanne. Às vezes há mangas pequenas e verdes nas árvores por cima da varanda e nós atiramos-lhes paus até cair uma. Mas depois do meio-dia começam a chegar os clientes e nós temos de nos portar bem ou arriscamo-nos a perder o negócio.

Como eu disse, trabalhamos o rio. Mais precisamente, trabalhamos *as pessoas*: se querem saber, qualquer pessoa que tenha posses para gastar dois mil francos congolezes numa refeição está a pôr-se a jeito. Não é mendigar – nós nunca mendigaríamos –, mas não podemos impedi-los de olharem para nós, pois não? E se por vezes deixam cair uma moeda ou duas, um osso de frango ou um pedaço de pão, que mal é que isso tem? A Maman Jeanne não gosta, mas faz vista grossa. É um salário como outro qualquer, afinal, e é mais divertido do que partir pedra.

Eu nasci algures a montante do rio. Foi antes da guerra – não me lembro do nome do lugar nem de grande coisa sobre ele, só que havia uma casa com telhado de folhas de palma e galinhas a correrem à volta e que a minha mãe me transportava num pano às costas e que havia um cheiro – não cheiros da cidade, um cheiro da floresta – a lama e a árvores e a canaviais e ao vapor dos potes de mandioca. Talvez seja por isso que acabei por vir dar à Ilha do Hipopótamo; é uma boa caminhada até à cidade todos os dias, mas sabe bem estar longe dela à noite e ouvir a canção do rio ao adormecer, com o seu coro de rãs e de sapos.

Mais ninguém lá vai muito, a não ser os pescadores. Dizem que é magia má. O Papa Plaisance diz que é o espírito daquele último hipopótamo, à espera de uma oportunidade para se vingar. A Maman Jeanne diz que é porque aconteceram lá coisas durante os combates. Não diz muito, mas eu bem vejo que foram coisas más, porque normalmente a Maman Jeanne fala pelos sete cotovelos, mais do que as pernas de uma centopeia. De qualquer maneira, isso foi há muito, muito tempo, pelo menos há

três anos, e a ilha é um bom lugar tranquilo agora. Mas a maior parte das pessoas não vem cá e há histórias de fantasmas e de feiticeiros. Eu nunca vi nenhum. O Papa Plaisance também não, e vem todos os dias na piroga dele. Mas já vi uns peixes-gato bem bons; e ainda bem que as outras pessoas não vêm cá. Além disso, gosto de estar sozinha.

A Maman Jeanne tem uma barraca perto da outra margem. Vive lá com a Maman Kim, a filha dela, e a Petite Blanche, a neta. O marido da Maman Kim dantes vivia lá; mas já não mora. Há uma história qualquer por trás, mas isso é *assunto de homem e mulher*, como diz a Maman Jeanne, e não me interessa muito. O Papa Plaisance também tem uma barraca, com um quintal e uma oficina à sombra da grande mangueira. O Papa Plaisance é tio do Peixe-Gato. Faz pirogas, ou fazia, antes de vir a guerra, pirogas estreitas e lindas que cortavam a água sem um som. Foi ele quem me ensinou a deixar-me ir na corrente e a remar da popa para o barquinho não virar. Ele vai até longe, mesmo para dentro dos rápidos, e monta as armadilhas entre os morde-tornozelos. Às vezes, tenho de o ajudar, mas é um trabalho aborrecido, comparado com nadar nos rápidos do rio, e ele também nunca me paga, por isso passo por ele à socapa quando posso, e vou sozinha rio acima.

Hoje cheguei a Les Rapides cedo, uma hora depois do nascer do dia. Os outros ainda não estavam lá e sentei-me na margem e esperei, a mascar um pedaço de rebento de bambu amargo e a olhar para o rio à procura de peixes-diabo. Não havia mais ninguém por ali a não ser um velho